

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA

LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

SUMMARIO:

ENCYCLICA DO NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII Á CERCA DA MAÇONARIA (continuação).—*Ouvriera*, por Dom Antonio de Almeida.—Secção RELIGIOSA: *Aos paes—educat, educat!*, pelo Padre Joaquim José Soares.—Secção SCIENTIFICA: *As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884*, por Monsenhor Rodrigues Vianna; *Os nihilistas portuguezes* (continuação), por um amante da religião, da patria e do throno.—Secção ARTISTICA: *A exposiçào industrial de Guimarães*, por J. de Freitas.—Secção ILLUSTRADA: I—*Santa Izabel, Rainha de Portugal*; II—*Quem será?*, por R.—Secção BIBLIOGRAPHICA, por A. dos Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

A VOZ DA EGREJA

CARTA ENCYCLICA

DE

SUA SANTIDADE LEÃO XIII

PAPA PELA GRAÇA DE DEUS

(Continuação)

UM Deus que creou o mundo e o governa pela sua Providencia; uma lei eterna cujas prescripções ordenam que se respeite a ordem da natureza e prohibem perturbal-a; um fim ultimo destinado para a alma n'uma região superior ás coisas humanas e além d'este albergue terrestre: eis as origens, eis os principios de toda a justiça, de toda a honestidade. Fazei-os desaparecer (é esta a pretensão dos Naturalistas e dos Franc-Mações), e será impossivel saber-se em que consiste a sciencia do justo e do injusto, e sobre o que se appoia. Emquanto á moral, a unica coisa que encontrou graça perante os membros da seita maçonica e na qual querem que a mocidade seja educada com cuidado, é a que elles chamam «moral civica.—moral independente, —moral livre»;—por outras palavras, moral que não deixa nenhum lugar para as ideias religiosas.

Ora, quanto uma tal moral é insufficiente; ate que ponto carece de solidez e se verga ao sópro das paixões, claramente se póderá ver pelos tristes resultados que já tem dado. Com effeito onde ella, depois de ter tomado o lugar da moral christã, começou a reinar com mais liberdade, viu se promptamente diminuir a prohibidade e a integridade dos

costumes, augmentarem e fortificarem-se as mais monstruosas opinões e a audacia dos crimes brotar a jorros. Estes males provocam hoje queixas e lamentações universaes, ás quaes por vezes fazem echo um bom numero d'aquelles mesmos que, bem a seu pesar, vêem-se constrangidos a prestar homenagem á evidencia da verdade.

para que a razão victoriosa fique de posse do seu principado. Mas os Naturalistas e os Franc-Mações, não prestando fé alguma á revelação que temos de Deus, negam que o pae do genero humano tivesse peccado e por consequentemente que as forças do livre arbitrio estejam de fórma alguma «debilitadas ou inclinadas para o mal». (1) Ao contrario de tudo isto, exageram elles o poder e a excellencia da natureza, collocando unicamente n'ella o principio e a regra da justiça; não podem nem sequer conceber a necessidade de fazerem constantes esforços e desenvolver uma grandissima coragem para comprimir as revoltas da natureza e para impôr silencio aos seus appetites.

Por isso Nós vemos multiplicar e pôr ao alcance de todos os homens tudo o que lhes pôde lisongear as paixões. Jornaes e brochuras d'onde são banidas a reserva e o pudor; representações theatraes cuja licença ultrapassa os limites; obras artisticas onde se ostenta, com um cynismo revoltante, os principios do que se chama hoje o *realismo*; invenções engenhosas destinadas a augmentar as delicadezas e os gosos da vida; n'uma palavra, tudo se põe em acção com o fim de satisfazer o amor do prazer, com o qual acaba por se pôr d'accordo a virtude adormecida.



SANTA IZABEL, RAINHA DE PORTUGAL

Além d'isto, tendo a natureza humana sido viciada pelo peccado original e tendo-se tornado, por causa d'isso, muito mais inclinada ao vicio do que á virtude, a honestidade é absolutamente impossivel se os movimentos desordenados da alma não são reprimidos e se os appetites não obedecem á razão. Neste conflicto deve-se muitas vezes desprezar os interesses terrestres e resolver-se aos duros trabalhos e ao soffrimento,

Certamente que são culpados, mas ao mesmo tempo são consequentes consigo mesmos, aquelles que, supprimindo a esperança dos bens futuros, abaixam a

(1) Concilio do Trento, Sess. VI «De Justif.» cap. 1.

felicidade até ao nível das coisas percedouras, mais abaixo até do que os horizontes terrestres. Para appoio d'estas asserções, facil seria apresentar factos certos, ainda que na apparencia incriveis. Ninguem ha, com effeito, que obedeça com tanto servilismo a estes habéis e maliciosos personagens como aquelles cuja coragem se enervou e amorteceu na escravidão das paixões, e por isso se tem achado na Franc-Maçonaria sectarios para sustentar que era necessario systematicamente empregar todos os meios de saturar os povos de licenciosidade e vicios, bem certos de que n'estas condições elles estariam completamente sob o seu dominio e poderiam servir de instrumentos para a execução dos seus mais audaciosos projectos.

Relativamente á sociedade domestica, eis no que se resume o ensino dos Naturalistas. O casamento não passa d'uma variedade da especie dos contractos; pode, portanto ser legitimamente dissolvido, á vontade dos contrahentes. Os chefes da governação têm poder sobre o laço conjugal. Na educação dos filhos, nada ha que ensinar-se-lhes methodicamente, nem a prescrever-se-lhes com referencia á religião. Este é um assumpto a cargo de cada um d'elles, quando chegarem á idade d'escolher a religião que lhes approuver. Ora, não sómente os Franc-Mações adherem inteiramente a estes principios, mas empenham-se em fazel-os transmittir aos costumes e ás instituições. Já em muitos paizes, mesmo catholicos, se estabeleceram que fóra do casamento civil não ha união legitima. N'outras partes a lei auctorisa o divorcio, que outros povos se preparam para introduzir na sua legislação, o mais cedo possivel. Todas estas medidas apressam a realisação proxima do projecto de mudar a essencia do casamento, e reduzil-o a não ser mais do que uma união instavel, ephemera, nascida do capricho d'um instante e podendo ser dissolvido quando esse capricho mudar.

A seita concentra tambem todas as suas energias e todos os seus esforços para se apoderar da educação da juventude. Os Franc-Mações esperam poder facilmente moldar segundo as suas ideias esta idade tão tenra, e dobrar-lhe a flexibilidade no sentido que quizerem, não havendo nada mais efficaç para preparar para a sociedade civil uma raça de cidadãos como elles sonham apresentar-lhe. E' por isso que, na educação e na instrução das creanças, não querem tolerar os ministros da Igreja, nem como professores, nem como vigias. Já em varios paizes conseguiram fazer confiar exclusivamente a leigos a educação da inocidade, assim como prescrever totalmente do ensino da moral os grandes e santos deveres que unem o homem a Deus.

Seguem-se depois os dogmas da scien-

cia politica. Eis quaes são n'esta materia os dogmas dos Naturalistas: Os homens são eguaes em direitos; todos e em todos os pontos de vista são de egual condição. Sendo todos livres por natureza, nenhum d'elles tem o direito de mandar nenhum dos seus semelhantes, e é fazer violencia aos homens pretender submettel-os a uma qualquer auctoridade, a não ser que esta auctoridade proceda d'elles proprios. Todo o poder reside no povo livre; os que exercem o commando são apenas os delegados pelo mandato ou pela concessão do povo; e d'esta sorte, se a vontade popular mudar, deve-se despojar da sua auctoridade os chefes do Estado, ainda que seja contra vontade d'elles. A origem de todos os direitos e de todas as funções civis reside quer na multidão, quer no poder que rege o Estado, mas quando tenha sido constituido segundo os novos principios. Além d'isto, o Estado deve ser atheu. Elle não acha, com effeito, entre as diversas formas religiosas, nenhuma razão para preferir uma a outra; todas devem ser olhadas debaixo do mesmo ponto de vista de egualdade.

Ora, que estas doutrinas são professadas pelos Franc-Mações, que tal é para elles o ideal segundo o qual projectam constituir as sociedades, isso é quasi demasiado evidente para que seja necessario provar-o. Ha já muito tempo que trabalham porfiadamente para o realisarem, empregando para isso todas as suas forças e todos os seus recursos. Abrem dest'arte o caminho a outros sectarios numerosos e mais audazes, que estão promptos para d'estes falsos principios tirarem conclusões mais detestaveis ainda, isto é, a partilha egual e a communição dos bens entre os cidadãos, logo que tenha sido abolida toda a distincção de classes e de fortunas.

Os factos que Nós acabamos de resumir poem em evidencia sufficiente a constituição intima dos Franc-Mações e mostram claramente porque caminho se dirigem para o seu fim. Os seus dogmas principaes estão n'um tão completo e tão manifesto desaccordo com a razão, que nada se poderá imaginar mais transornado. Com effeito, querer destruir a Religião e a Igreja estabelecidas pelo proprio Deus e por Elle asseguradas d'uma protecção perpetua, para introduzir de novo entre nós, passados deoito seculos, os costumes e as instituições dos pagãos, não será o cumulo da loucura e da mais audaz impiedade? Mas o que não é nem menos horrivel, nem mais supportavel, é ver repudiar os beneficios misericordiosamente adquiridos por Jesus Christo em primeiro logar para os individuos, e depois para os homens agrupados em familias e em nações; beneficios que, com o testemunho dos proprios inimigos

do Christianismo, são do mais elevado apreço. Certamente, n'um plano tão insensato e tão criminoso, é bem permitido reconhecer-se o odio inexpiavel de que Satanaz está animado contra Jesus Christo e a sua paixão de vingança.

O mesmo se deve dizer d'este outro designio para cuja realisação os Franc-Mações empregam todos os seus esforços, o qual consiste em destruir os principaes fundamentos da justiça e da honestidade, e fazerem-se os auxiliares dos que queriam que, exactamente como o animal, o homem não tivesse outra regra d'acção senão os seus desejos, e que seria nada menos que deshonar o genero humano e precipital-o ignominiosamente na sua perdição.—O mal agrava-se com todos os perigos que ameaçam a sociedade domestica e a sociedade civil. Assim como Nós o temos já exposto por outras vezes, todos os povos, todos os seculos são concordes em reconhecer no matrimonio alguma coisa de sagrado e de religioso, e a lei divina providenciou para que as uniões conjugaes não pudessem ser dissolvidas. Mas se ellas se tornarem puramente profanas, se fór permitido quebra-las á vontade dos contrahentes, immediatamente a constituição das familias ficará entregue á desordem e á confusão; as mulheres serão destituidas da sua dignidade, desaparecerão toda a protecção e toda a segurança para os filhos e para os seus interesses. Emquanto á pretensão de tornar o Estado completamente extranho á religião e podendo administrar os negocios publicos importando-se tanto com Deus como se Elle não existira, é uma temeridade sem exemplo, mesmo entre os pagãos. Tinham elles tão profundamente gravada no mais intimo das suas almas, não apenas uma ideia vaga da necessidade dos deuzes, mas a necessidade social da religião, que no dizer d'elles, mais facil seria conservar-se de pé uma cidade sem estar appoada no solo, do que privada de Deus. De facto, a sociedade do genero humano, para a qual a natureza nos creou, foi constituida por Deus, auctor da natureza. D'Elle, como principio e como origem, promanam na sua força e na sua perennidade os beneficios innumeraveis de que ella nos enriquece. Por isso, assim como a voz da natureza recorda a cada homem em particular a obrigação que lhe incumbem de offerecer a Deus o culto d'um piedoso reconhecimento, pois que é a Elle que somos devedores da vida e dos bens que a acompanham, assim tambem incumbe um dever semelhante aos povos e ás sociedades.

D'ahi resulta com a mais clara evidencia que aquelles que querem quebrar todas as relações entre a sociedade civil e os deveres da religião não commettem sómente uma injustiça; o seu comportamento prova tambem a sua ignorancia

e a sua ineptia. Effectivamente é pela vontade de Deus que os homens nascem para estarem reunidos e para viverem em sociedade; a auctoridade é o laço necessario para a manutenção da sociedade civil; de tal sorte que, quebrado esse laço, fatalmente, immediatamente a sociedade dissolve-se. Portanto a auctoridade tem por auctor o mesmo Ser que creou a sociedade. Por isso, seja quem for aquelle em cujas mãos residir o poder, esse é o ministro de Deus. Por consequencia, na medida que o exigem o fim e a natureza da sociedade humana, deve-se obedecer ao poder legitimo que ordena coisas justas como se fôra a propria auctoridade de Deus, que tudo governa; e nada ha mais contrario á verdade do que sustentar-se que depende da vontade do povo recusar esta obediencia quando lhe parecer.

(Continua.)

GUMARÃES 50 DE JUNHO DE 1884

OUVRIERS

Não falta na lingua portugueza a palavra com que possessemos encimar estas linhas sem que o fosse por um termo francez. porém tivemos uma razão sufficiente para intitular o presente artigo de aquelle modo. Os *ouvriers* essa *questão operaria* continua a estar, ou a ser *ordem do dia*, e o será até ao momento, em que seja decidida *practicamente* pela volta aos *bons Principios*, ou pelo *advento* do lago de fogo e rios de sangue, que persuadirão todos — que só pelos *Principios bons* pôde ser resolvida *na practica* a *questão operaria* como esta resolvida está *na theoria* ou Doutrina Catholico-Apostolica Romana, e do que não faltam os proprios exemplos (mas não geraes como geral é aquella *questão e necessidade*; n'esses *ateliers* «ollicinas ou fabricas» montados e em exercicio debaixo da obediencia aos Principios Catholicos Apostolicos Romanos.

O Imperador Napoleão III viu-se atrapalhado (é phrase commum mas expressiva) com a *questão operaria*, e mesmo como que confundido por esta; recorreu a varios expedientes que lhe foram infructiferos para o fim mirado, e até promulgou uma lei para regular as *grèves*, e estas, em vez de regularizadas segundo a lei decretada por aquelle Imperador, aggravaram-se, e a *questão operaria* cresceu de ponto; nem podia deixar de ser por isso que não pôde ter poder o que é impotente. Passou o Imperio na politica segundo, houve uma relativa-mente pequeno intervallo, em que a França não teve forma de existencia politica defendida; veio uma nova *Constituição*, e depois de uma tregoa assentada

sobre o novo modo porque a França se constituiria definitivamente quanto ao seu *ser politico*, de improviso a tregoa foi rompida por certos *républicos*, que decretaram a *França Republicana*.

A infidelidade ao accordado e a *Republica de infidelidade* em França trouxeram a esta Nação as desgraças de todos conhecidas! Aos males já existentes em França ajuntou a actual *Republica franceza* os muitos de que esta é causa, e a *questão operaria* vai-se aproximando em França, e especialmente em Pariz, do *excesso do excesso*! Seus *Liurgos républicos* não confessam sua impotencia para a regularisar, mas não pôdem menos que declarar, mesmo *officialmente*, que a crise *ouvrière* se lhes apresenta *medonha*, e como *tento de consolação* dizem «que a *crise* não é tão assustadora em 1884 como se faz temer para 1885» continuando as cousas, que aliás a *Republica opportunistica* é incapaz de remediar. Na sessão de 28 de janeiro passado disse *M. Jules Ferry*, chefe ou primeiro Ministro no gabinete de Pariz: «que n'esta capital havia 120:000 homens que viviam da construcção de *cabalhares* de braços empregados em trabalhos miudos ou artigos *do luxo* e que se reduzem a *ridicularias* miudas mui principalmente para fóra de Pariz e ainda mais para o exterior da França, e incomparavelmente mais dispensaveis que a vella de cêbo contra a escuridão; mas o mesmo *M. Ferry* declarou «que os *taes artigos* ou meios de trabalho eram *tambem meio poderoso* para o bem-estar geral *economico de Pariz*, e afirmou «que as construcções tinham sido e estavam notavelmente reduzidas, e que os artigos de *luxo*, alludidos, estavam-se *batendo* com a concorrencia das *industrias estrangeiras*» logo grande crise *economica* na capital da França, e com tal crise centenas de milhares de braços ou de individuos reclamando trabalho para terem pão, e muitos de estes *dispostos a haverem-no pela força*. Se em qualquer Nação sua Capital é como o *resumo* de aquella, a França de modo especial *se resume em Pariz*; assim se pôde especialmente *argumentar de Pariz para a França* em sua situação actual *economica*, mas no entanto em Pariz mais *aggravada*, e por consequencia *o perigo muito maior!*

Como *salvaterio* na *questão operaria*, *salvaterio* que nem o mesmo *Ministerio* acreditará! e talvez *sim* por isso que os *maniacos* têm sua *mania por verdade*; e como *salvaterio*, repetimos, para resolver a *questão operaria* foi apresentado um *projecto* de lei no Parlamento francez, que tem por fim a criação de *syndicatos profissionais*; o Governo *entende*, que os *syndicatos legaes*, em vez dos *syndicatos livres*, poderão regularisar as

diferenças entre *patrões* e *operarios*; mas *taes diferenças* só poderão ser regularizadas quando aquelles e estes estejam *regulares* no respeito e obediencia aos *Principios Doutrinaes*, que Deus constituiu indispensaveis *a todos e a tudol*. A nova lei projectada, dado que venha a ser lei, regularisar-á com os *syndicatos officiaes* a *questão operaria* como pertendeu regularisal-a a lei sobre as *grèves*, decretada por Napoleão III, isto é, ficou a *questão* mais *questão* do que era, e agora acontecerá o mesmo com o citado *esforço républico-opportunistica*. Os poderes publico-politicos *actuaes* em França estão impotentes para remediar os males da França, mesmo aquelles que os *alludidos poderes* reconhecem; ha pouco disse o deputado Conde de *Mun* *dqueles poderes*: «que estes não pôdem nem quêrem remediar os males da França (a parte de estes, que têm como *taes* e realmente o sam, embora haja outros lá ainda maiores e que antes sam a causa dos outros, e que os *taes poderes publicos* descuram e até despresam) pois que para acudir verdadeiramente aos males referidos seria mister que os poderes publico-politicos, que governam agora a França, se decidissem devêras a *brûler ce qu'ils ont adoré et restaurer ce qu'ils ont détruit*—queimar o que elles hão adorado e restaurar o que elles hão destruido» disse o conde. Soffrem ha muito as *provincias francezas*, mas foi mister que a fome batesse ás portas do Parlamento à borda do Sena, e que Pariz apresentasse 80:000 *operarios* sem trabalho para que apparecessem uns *alvîtres* de remedio, com que o Governo da *Republica* parece querer acudir, mas que nunca poderiam passar de uns *expedientes* e de pouco duradouro successo, dádo ainda que alcançassem algum. E é claro que 80:000 *operarios* representam uma cifra mais elevada de pessoas, tomando na conta devida as *familias de elles*. Todos os males, que alligem o povo francez, e os povos de outras linguas, sam a consequencia das idéas, que têm afastado da *practica* dos *Deveres* e levado ao amor das paixões as mais perversas. Todos que olham devidamente as cousas estão concordes e assim ajuisam.

As *idéas modernas* têm por todos os modos ao seu alcance procurado *materialisar tudo*, agora o *materialismo* está assustado, e já atterrado, de si proprio, e vê-se impotente, como é, para remediar os males, que o molestam e hão de molestar mais. A *eschôla moderna* toda e só dedicada ao *homem* a final deixa o seu *homem* «*orphão*» depois de ter procurado tornar *ruinha*—a *materia*; era *esperado* e é *sucedido*; e é assim que a mesma *eschôla* ousa ainda dar *alvîtres* para regular a *questão operaria*; esta, não nos cançaremos de o dizer—só e só pôde ser regulada pelo sentimento ca-

tholico que faz os *patrões* caritativos e os *operarios* pacientes; e o *mais* não passa de *cravines de ambrosio* que não sam *Sentenças Ambrosianas*. A questão *socialista-communista* está a ameaçando terrivelmente a *Républica franceza*; mas esta foi estabelecida com os *principios* com que agora é *mortalmente* ameaçada por *uma especie de Suum cuique* ou *a cada um o que lhe pertence*, e assim *aquella Républica* será *desfeita como foi feita*.

Mas leitor! é justiça, é dever, chorar sobre os males presentes, porem é tambem justo e devido trabalhar para que tenham remedio! e este trabalho principia com a sustentação da Doutrina Catholica e combate contra a *mentira*, e segue logo com os esforços para resgatar os cahidos no que é *mentiroso*, acompanhando estes esforços de resgate dos esforços de prevenção para que se não tornem escravos da *mentira* os ignorantes e os desapercelhidos; e assim no que se refere ao que interessa á *questão operaria*, como no referente aos outros *interesses sociaes* «baptizando-os ou penitenciando-os em Nome de Deus!» e para que os bons esforços sejam mais productivos, haja «entre os *cavalleiros de tal cruzada*» *unido, unido e unido!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Secção Religiosa

AOS PAES

EDUCAI... EDUCAI

SEMPRE que penso nas innumeradas e lamentaveis desgraças e vicios de que se acha apossada uma grande parte da sociedade, confrange-se-me o coração ao reflectir em que tão grandes e graves doenças não contaminariam assim a terra se os paes educassem cuidadosamente seus filhos.

Quando a espinhosissima missão de pae carrega sobre os hombros d'um individuo, nenhum dote mais angusto e precioso pôde elle offerecer a seus filhos de que uma esmerada educação religiosa. E' só ella a segura e rija alavanca que pôde sustar e alevantar a sociedade á altura de que está privada, assim como a sua carencia e desidem são o possante alferce que profundamente cava o barranco em que mais tarde se ha de sublevar a mesma sociedade.

Sem a boa educação religiosa não é possível a existencia da boa sociedade: não é possível, pois a boa educação é a primeira e principal pedra sobre que assenta o grande edificio social, sem a qual elle se irá apressuradamente abattendo até, em fim, se desmoronar no alto medonho da selvageria.

Porém, apesar dos males gravissimos que se observam, e que bem accusam o estado deploravel e ruinoso da sociedade, poucos paes se vêem educar, como desvelo, seus filhos, instruindo-os nas sublimes verdades da Religião Santissima d'Aquelle que, para abrir aos homens as portas da bemaventurança eterna, derramou todo o seu preciosissimo sangue nas travas da Cruz, erguida por mãos deicidas, ha quasi dezenove seculos, no cimo do Golgotha!

Nas cidades, nas villas, nas aldeias, em toda a parte a que o viandante encaminhe os passos, lá se lhe antolham innumerados e insolentes factos praticados pela adolescencia, que, evidentemente, apontam o maior desmazêlo e a total abstenção de muitos e muitos paes em educar os filhos.

Toda a sorte de palavras obscuras, inobediencia e falta de respeito aos mestros paes e mais superiores, acompanhadas frequentes vezes d'alguma mofadaz, em fim, acções que a boa e sã moral condemna e que fazem córar de pejo a face dos que as contemplam, eis o horrendo e triste quadro que innumeraveis filhos, hoje em dia, offerecem aos olhos de todos!!

E quem é verdadeiramente o author de tão negro quadro?

Quem o faz exhibir ao publico?

Quem a faz exibir da grande decadencia moral que presenciámos? Os paes, por não ministrarem a boa educação a seus filhos; mais ninguem.

Se os chefes de familia fossem desvelados em forinar um bom coração a seus filhos, um coração amante da virtude e abominador do vicio, um coração affavel e caridoso, um coração embebedo na santa doutrina do Evangelho, em summa, um coração temente a Deus, fenceriam no vasto theatro do mundo os tetricos espectaculos que n'elle se representam quotidianamente.

Então este valle de lagrimas transformar-se-ia em valle de sorrisos.

Na verdade: se *todos* os paes (*todos*, note-se bem), n'este reino *fidelissimo*, educassem d'este modo seus filhos, e os tutores os pupillos que lhes foram entregues, afoitamente se poderia affirmar que desvaneceriam as desordens e conflicts, os carceres estariam desertos, os tribunales fechar-se-iam, e os artigos do código penal jamais seriam applicados!

Pois qual o homem, bem penetrado da lei divina, que deixasse de ser um bom cidadão, um bom subdito, um fiel observador e respeitador das leis humanas quando ellas se não oppoessem ás augustas determinações do Supremo Legislador? Nenhum.

Mas, para que isto se verificasse era tambem necessario que *nenhum* pae e tutor fosse negligente em dar uma abalísada e irreprehensivel educação a seus

filhos e pupillos: eis-nos, pois, na maior das difficuldades, e no ponto essencial que nos levou a tomar a penna.

Quantos paes ha que desempenhem a sublime obrigação de educar seus filhos como Deus exige? Poucos!!

Quantos que, vendo-os caminhar na estrada da maldade, não os admoestam, não os corrigem, nem fazem o mais pequeno esforço por evitar a sua perdição? Muitos!!

Quantos que, alem da escassa ou nenhuma educação, os arrastam, com o seu exemplo, para o immundo lamaçal da viciosidade? Uma boa parte!!!

Ora diante de tão escuro e horrivel painel poderá haver boa sociedade? Não.

E se a não pôde haver hoje, pela falta da boa educação, poderá havê-la mais tarde? Oh! Que educação ministrará a seus filhos o pae que a não recebeu?! Por ventura pôde alguém *dar o que não possue?!?*

Tudo, pois, nos leva á conclusão de que a sociedade, já presentemente mui enferma, não tardará a ser cadaver, se os paes deixarem de satisfazer a alta obrigação, annexa ao sacramento do matrimonio—educar *espiritualmente*, na doutrina catholica, seus filhos: pois é certo que a incredulidade é a mãe do impio, e a impiedade o prenuncio da destruição e da morte.

«Vêdes como as sociedades actuaes vacillam agonisantes, mal firmes em sua base? Vêdes como o tufão revolucionario ameaça derribar tudo, para tudo arrastar e destruir em sua corrente devastadora e medonha? Investigai a causa d'esta perturbação geral, que tanto assusta o homem de cabeça para pensar, e de coração para sentir; investigai-a, e achareis que o abalo nas crencas importa o abalo nos corpos sociaes; e que este movimento vertiginoso, que affecta os povos, é symptoma inconcusso de perturbação nas ideias d'ordem moral que a Religião manda respeitar». (1)

Por conseguinte, empregai, chefes de familia, toda a vossa solicitude na boa educação dos filhos; instrui-os nas sanctas verdades do Christianismo; desviai-os d'aquellas companhias que os podem induzir para o caminho do vicio e devassidão; afastai-os dos espectaculos immoraes que tanto pervertem o espirito; não lhes deixeis compulsar maus romances e outros livros corruptores; puni-os (mas moderadamente) quando delinquirem, e sêde vós mesmos quem, pelo bom exemplo, os convidéis á prática da virtude e da honestidade.

Sim, dai-lhes o bom exemplo, pois que, sem elle, torna-se impossivel a boa

(1) Passagem do discurso do Ex.º Sr. Dr. Almeida Pinto, pronunciado na academia religiosa de 16 de Março de 1873, no salão da associação catholica portuense.

educação. Diz S. Leão Papa:—*Tem mais força os exemplos que as palavras; e melhor se ensina com a obra do que com a voz.*

E se todos os paes que não educam seus filhos offendem a Deus gravissimamente, se é criminoso o homem que rouba ao seu semelhante os bens terrenos, qual não será o crime dos paes que, com o mau exemplo, roubam a seus filhos os bens eternos?! Desventurados paes.....

«Notai bem: o homem deve tudo á educação; se fôr boa, tereis n'elle um heroe, ou um anjo; se fôr má, vereis n'elle um tigre ou um demonio.

Não adieis para tarde a educação religiosa de vossos filhos e de vossos subordinados, porque raro se perde o que na infancia se adquire.

Não vos envergonheis de ensinar-lhes a doutrina do Christianismo; o que ha de mais sublime na philosophia moral n'ella apparece; e o que existe de mais poetico para o espirito humano transluz em cada uma de suas brilhantes phrases.

Não podeis mandar vossos filhos aos centros, onde se professam as sciencias? não importa. Tomai vós o encargo de mestre, explicai-lhes a moral sublime de que é symbolo a Cruz do Golgotha, inspirai-lhes o amor de Deus e do proximo, formai-lhes assim o coração para a virtude e deixai-os, que já têm instrucção sufficiente para serem honrados e felizes.

O mundo é uma escola de immoralidade; é um foco de corrupção e de crimes. Se lhe abandonaes vossos filhos desprovidos das armas da resistencia, bem podeis chorar sobre a sua sorte. Arrastados pela seducção de falsas ideias, mas que lisongeiam as paixões na epocha da vida em que faltam as luzes da experiencia, pela escala de abuso abrião caminho até ao vasto campo das torpezas e dos crimes, e, victimas primeiro de suas illusões, levarão a final ao seio da familia a discordia e a deshonra, as lagrimas e a ruina.

Preveni a tempo tão fataes resultados. Tremei d'esses espiritos pervertidos que fallam muito, mas que não ensinam um principio, nem propagam uma ideia que contenha a salvação e a vida; sim, tremei d'elles, porque suas palavras são venenosas como a baba da serpente.

Fugi d'esses philosophos de sciencia occa, porque sua doutrina não enxuga as lagrimas do infeliz, não accode á miseria do pobre, não attenta pelo orphão, não ampara o desvalido.

Dirão que sois fanaticos, hypocritas, supersticiosos; chegarão mesmo a zombar de vossa crença, ou a insultar vossa virtude; mas que importa? Não pôde fallar bem quem pensá mal; não pôde

proceder bem quem vive identificado com o erro».

Eia, pois. EDUCAÍ.... EDUCAÍ zelosamente vossos filhos, e assim salvareis a grande nau da sociedade do mar tormentoso em que está proxima a naufragar. EDUCAÍ.... EDUCAÍ.... cumpri com os sanctos deveres que a Religião vos impõe, e, d'este modo, sereis ditos na terra e bemaventurados na eternidade.

Padim da Graça—junho de 1884.

PADRE JOAQUIM JOSÉ SOARES.

Secção Scientifica

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSINHOR RODRIGUES VIANNA

I

O Apostolado do Clero em face do seculo

Illustrado e religioso auditorio!

Por vezes se tem dito que a sociedade é o berço e o tumulto do homem. Nada mais exacto, nem mais profundamente conceituoso.

A sociedade é o berço do homem, porque é no seio d'ella que elle nasce, e recebe os primeiros carinhos dos que lhe deram o ser e a vida, as primeiras luzes que illustram a sua intelligencia, os mais puros affectos que ennaltecem o seu coração.

A sociedade é o tumulto do homem, porque é no seio d'ella que elle morre, rodeado de todos os que lhe são caros, e na doce esperanza de que ha de ter uma prece, e uma flôr desfolhada sobre a sua lapide sepulcral.

E se é certo que não ha ninguem que não ame o berço, e não respeite o tumulto,—estès dous extremos, estes dous polos da vida, um d'onde ella se levanta, qual estrella cambiante que ora se obscurece, ora scintilla sem véos, outro onde ella se apaga, qual estrella cadente que só por um momento brilhou—: se é certo que diante do berço, das suas recordações indeleveis, dos seus encantos indisiveis, das suas alegrias, e até das suas lagrimas inefaveis, todos sentem embalar-se-lhes a alma nos mysteriosos alvoroços d'um amor sempre saudoso: se é certo que diante do tumulto, dos seus crepes funerarios, dos seus desenganos severos, da sua eloquencia incorruptivel, e dos lampejos da immortalidade, que allumiam o seu fundo escuro e betado de nêgrumes, todos sentem que os compenetra um respeito profundo e sagrado; a sociedade, que é o

berço e o tumulto do homem, deve por igual despertar em nós, e desperta effectivamente como por instincto, aquellos dous nobres sentimentos; e o homem que não ama, nem respeita a sociedade, e que não se interessa por ella, é uma anomalia, um ser que mal se comprehende, uma especie de sphinge disforme, na harmonia do mundo moral.

Não ambiciono, nem espero ambicionar jamais, a triste gloria d'essa anomalia, d'essa sphinge, d'essa disformidade, se é que ella existe. Amo e respeito a sociedade; e tanto que, nas humildes conferencias quaresmaes, que ha trez annos inaugurei n'esta tribuna sagrada, tenho envidado os escassos recursos da minha pobre intelligencia e dos meus limitadissimos conhecimentos, lidando em prol do bem estar, legitimo progresso, e engrandecimento da sociedade actual.

Ultimo dos soldados da fé, olhei para a arena revolta do combate: e contemplando essa luzida phalange de sabios escriptores, e oradores eloquentes, que luctam com o heroismo que só a religião inspira, para implantarem no amago das actividades sociaes o labaro bemdicto da cruz, unico que pôde dirigil-as e encaminhal-as devidamente á consecução do seu fim providencial, lembrei-me de que é sempre um cobarde o soldado, que, por mais infimo que seja, se conserva inactivo, quando a batalha está no mais acceso da refrega, e o fogo rompe intensissimo em toda a linha; e sahi a campo para unir-me aos meus valorosos camaradas, e pugnar ao seu lado.

E' verdade que não tenho, como elles, o prestigio do talento e a força persuasiva da palavra; mas tenho, ao menos, os mais sinceros e ardentes desejos de ser util á Egreja, á patria, e á sociedade, que são os grandes ideaes da minha vida, aquelles, a quem jurei devotar-me sómente desde o momento em que enverguei esta batina.

Nunca se me entubiam esses bons desejos, mercê de Deus; e é com elles sempre vivazes que volto aqui ainda mais um anno, animado a proseguir na mesma idéa, e no mesmo commettimento dos annos antecedentes.

Senhores! Alongando as minhas vistas pelo vasto campo social, descobri dous agentes poderosissimos, que o trabalham, e que são como que a luz e o calor de toda a sua rica florescencia: a *Imprensa* que alumia e dirige, e a *Educação* que aquece, informa e fecunda. Inclinei-me reverente em face d'estes dous agentes poderosissimos, estes dous grandes mestres e guias da humanidade; e conferindo-lhes a mais bella aureola, que pôde exornar uma grandeza, discorri nas conferencias transactas, cuidando que desprevenidamente, e sem exal-

tações apaixonadas, sobre o *Apostolado da Imprensa*, e o *Apostolado da Educação*, na epocha presente.

Hoje, volto de novo os olhos ao campo social, e eis que ainda se me depara ahi um outro agente, uma outra influencia, que se eleva e avulta sobranceira entre todas as demais, como as cuspidas altissimas dos Alpes entre as montanhas circumjacentes, ou como os astros de primeira grandeza entre os astros de grandeza inferior; porque esta influencia arrebatada para o infinito, que é o polo, e personifica a religião, que é a força magnetica da humanidade.

Eu te saúdo, desde já, ó a mais eminente, a mais pura, a mais benefica, e a mais santa das influencias sociaes! Eu me curvo, mais que nunca respeitoso, venerando a tua aureola especiosissima, que fulgura como um sol a varrer da atmospheria dos povos todas as sombras do erro, e a desentranhar jardins do céu d'este sapharo deserto do mundo! Ah! era n'um hymno grandioso que eu devêra acclamar-te como o assumpto escolhido, para seres o fecho e a cupula magestosa do meu humillimo labor oratorio, n'este pulpito tão conspicuo, e tão alevantado acima da minha incompetencia. Mas soffre que ao menos eu te enuncie, exclamando n'um transporte de nobre entusiasmo, e justa ufania: Senhores! o assumpto d'estas destuzidas conferencias quaresmaes é—*O Apostolado do Clero, em sua influencia social.*

Mas que faço eu? Porque me entusiasmo e ufano no meu assumpto?

O *Apostolado do Clero* não tem as sympathias da epocha; o seculo jurou-lhe guerra sem treguas; todos os eccos do progresso moderno decretam o seu banimento; e os que marcham na vanguarda da idéa nova, que, segundo elles, hade fermentar no mundo a mais feliz e auspiciosa das revoluções sociaes, levam inscripto como lema no seu balsaõ—*O Clericalismo*, eis ahi o inimigo!...

Em vez, pois, de entregar-me a entusiasmos e ufantias, hymnos de victoria só proprios do orador, que já conta com o grato acolhimento do assumpto, pelo contrario, tenho antes de empenhar-me para conciliar em favor d'elle os animos adversos d'este seculo; e é exactamente o que me proponho n'este discurso preliminar, em que intento demonstrar-vos—que o seculo hostilizando o *Apostolado do Clero* é antinomico, contradictorio comsigo mesmo; porque o seculo é grande, e, hostilizando o Clero, hostilisa a grandeza; porque o seculo é potente, e hostilizando o Clero, hostilisa impotente.

Eis traçado o meu plano.

O' Virgem Immaculada! augusta Padroeira d'esta Sé Cathedral, e nobilissima cidade! Vós, que tendes sido astro

para tantos espiritos, luz para tantas intelligencias, inspiração para tantas e tão sublimes concepções, sede tambem, Senhora, sede o astro, a luz, e a inspiração d'estes meus desprimorados discursos; e permitti-me declarar, desde o momento, em que os preludio, que tudo quanto de bom n'elles transparecer é vosso, como a centelha é do astro, o raio da luz, e a flôr da sua caule.

E de vós, senhores, espero o que esperar-se pôde d'uma assembléa tão polida, tão distincta e tão religiosa,—benevolencia e attenção, que Principio.

Senhores!

Começarei a delinear o quadro do meu assumpto, fixando por momentos as vossas illustradas atenções sobre um dos phenomenos mais lucidos e mais obscuros, mais palpitantes e mais insoudaveis, que se nos patenteiam no grande *cosmos* da natureza, qual é o maravilhoso phenomeno da vida universal.

Todos conhecem este phenomeno, todos o sentem em si mesmos, todós observam a olhos nus as manifestações esplendidas da vida, que se ostenta e se esbate surprehendente em mil diversas e variadas formas, desde a bonina de uma só aurora até ao roble gigantesco, que afronta os seculos; desde o verme que jaz no pó até á aguia real que se nhorea as nuvens; e desde o zoophito até ao homem, corôa brilhante da natureza, ultimo grau de perfectibilidade na escala dos seres viventes. Mas quando tentamos penetrar no amago d'este aliás vulgarissimo phenomeno, e sondamos em que consiste a essencia da vida, emmudecemos, ou balbuciamos apenas, balbuciando connosco ainda os genios mais illuminados, e mais acuminosos.

A vida é um mysterio, eterno e insoluvel problema para a intelligencia humana; um dos mysterios em que brilha mais radioso o cunho indelevel do infinito, um dos problemas que mais imperiosamente nos obriga a dobrar a fronte, adorando, entre assombros, esse nome benditissimo, que o grande Newton nunca pronunciou sem se descobrir respeitosaente—Deus!

Porque em verdade, senhores, pode o chimico abalisado decompôr substancias e constituir novos corpos; desenvolver o calorico, e produzir o relampago e o trovão. Pode o habil clinico, por uma ligoa feliz d'outras substancias, restituir ao corpo os elementos, de cuja existencia, equilibrio e proporções no organismo, depende a saude. Pode o artista primoroso insculpir no marmore ou na tela as irradiações do seu talento de modo que as suas ideas luminosas, os seus sentimentos elevados e os seus extasis calorosos sejam transmittidos aos espectadores das suas concepções sublimes. Mas quem ha ahi, que seja capaz d'in-

jectar n'um atomo uma scintillasinha de vida? Ninguem! Porisso, onde quer que a vida se pronuncie, força nos é reconhecer que trabalha ahi latente um poder supremo; e o homem sem Deus, essa entidade excentrica, que não tem cabimento no mundo, e que só é semelhante a si mesma, é triumphalmente confundido pelo proprio verme, que piza indifferente a seus pés, porque o movimento vital no organismo rudimentar d'esse pobre verme desprezivel é um hymno que pregôa o infinito melhor ainda do que o ritmo cadenciado das espheras, que pairam na immensidade do espaço.

Mas attentae bem, senhores, que não é só no laboratorio cego do mundo phisico, mas é tambem no machinismo consciante do mundo social que a vida se nos revela profundamente mysteriosa; e evidentemente divina. Attentae bem. O historiador, como o naturalista, que estudam o phenomeno da vida, cada um na sua esphera, aquelle nas pulsações da natureza, este nas palpitaciones das sociedades, ambos ascendem a um e o mesmo foco, a um e o mesmo principio vital; ambos topam o mysterioso, o sobrenatural, o divino; e os testemunhos d'elles, accordes, confirmam poderosamente a nossa crença, asseguram-nos que, de feito, duas vezes a vida se espadanou exuberante e opulentissima do immenso seio de Deus; a primeira vez operou uma criação, a segunda um renovamento; criação na ordem natural, renovamento na ordem moral.

Não ha que duvidal-o.

Que era o mundo moral ha cerca de dous mil annos? Era uma necropole, um enorme cadaver, um Lazaro immenso, esphacefando-se n'um immenso sarcophago. Mas de repente *fulget crucis mysterium!* o mysterio da cruz fulgura, como turbilhão resplandecente do seio do qual Deus fez signal á humanidade, como fizera signal ao nada, e disse-lhe: *levanta-te! e vive!*

E a necropole animou-se, o cadaver palpitou, Lazaro saccudiu a mortalha apodrecida, que se lhe transmudara na brilhante purpura da vida; e a humanidade ergueu-se contemplando com espanto um novo mundo, com um novo sol, novos astros, nova e prodigiosa vegetação.

O' sol coruscante da fé! quem te acendeu nas trevas do espirito humano, e te deu o raio maravilhoso, com que nos alumias as illusões da vida e as realidades d'alem da campa? O' astros rutilantes, genios luminosissimos, que rebrilhaes, como estrellas immaculadas, nos céos esplendurosos da Igreja! quem vos librou em tamanha altura, e vos deu essa luz purissima, com que fulgis nas regiões escurcidas da sciencia? O' sublimes virtudes christãs! mysticas flo-

res dos jardins do Evangelho! quem vos fez brotar tão cheias de vigor e louçania nos campos estereis d'um mundo que nunca soube cultivar-vos, e vos deu as celestes fragrancias, com que nos suavisaes todas as agruras da vida? O' mundo prodigioso da cruz! quem te fez surgir do caos e te deu a seiva sempre evolutiva, fecunda, creadora, com que, no largo cyclo de desenove seculos, tens produzido tudo quanto ha de bello, grande, culminante e prestimoso, na idea, na palavra, no sentimento, em todos os diversos ramos, emfim, da actividade humana? Quem foi?... Um grande sabio, um genio sin-

quemos o andamento regular do curso.

O christianismo manifestou-se no mundo, como uma torrente pujante de vida, derivada do infinito seio de Deus. Ora, todos sabem que não ha vida sem um organismo, que é a sua fórma, e o seu vehiculo transmissor. Por sem duvida, vida sem organismo não se concebe, como não se concebe seiva sem planta, sangue sem corpo, e, se me é permitida a comparação, corrente electrica sem fio conductor. Portanto, o christianismo, sendo, como é, a vida dimanando do seio de Deus para o seio da humanidade, necessita d'um órgão, que seja

mente, um tosco pedestal, para sobre elle exhibir á vossa admiração essa incomparavel grandeza, que desempenha as funcções mais augustas, consubstancia o ministerio mais nobre, e representa a dignidade mais sublime, que jamais pôde existir sobre a terra. Eil-a: é o Padre!...

Approximae-vos: quero que o fiqueis conhecendo muito de perto, para que d'ora em diante, ao encaral-o, não vos accuda aos labios o sorriso do deslem.

(Continua).



QUEM SERÁ?

gularissimo, como o pretende fazer crer a critica moderna? Oh por Deus! Se o genio, ainda o mais portentoso, nunca será capaz de inocular um fasciculo de vida, nem sequer n'um atomosinho, que no entanto a receberia passivamente, quem foi capaz de diffundir a vida por todo o vasto circulo d'um mundo livre e resistente?

Deixemos a critica moderna, senhores, essa grande «dama germanica, vestida á franceza», como espiritualmente lhe chama um eminente orador contemporaneo, deixemol-a entregue aos seus devaneios philosophicos, e não prejudi-

a sua fórma, que o transmita, e que effectivamente o faça circular, por assim dizer, nas veias da humanidade, como a energia da primavera nas artérias occultas da terra, ou como a electricidade em roda da vasta circumferencia do globo.

Desejaes conhecer essa entidade, para opprimir os cidadãos honra- extraordinariamente privilegiada, que Deus constituiu órgão vivo e transmissor da sua propria vida, e que é o vehiculo, a fórma, a representação solemne, solemnissima do christianismo? Desejaes?... Pois bem: até aqui eu não tenho feito mais do que elaborar, rude-

Os nihilistas portuguezes

II

Os republicanos nihilistas portuguezes aspiram a exaltar a população ignara e cubiçosa, a escoria da sociedade, para opprimir os cidadãos honrados, e vexar o povo que trabalha, que tem temor de Deus, e quer viver socegado sob a protecção das leis. Querem perturbar a paz, que disfructamos, dirruindo tudo que existe de legal, fazendo em pedaços um throno de seculos, para sobre seus destroços exal-

tarem uma chusma de *sans-culottes* mais ferozes e sanguinarios, do que os peores monarchas, de que resa a historia de todos os seculos!...

Querein juntamente com a monarchia, acabar com a religião, à sombra da qual se constituiu, e chegou ao mais alto grau de poderio esta nação gloriosa!

Este diabolico projecto denunciaram-no seus jornaes, livros, folhetos e discursos, que todos tendem a malquistar o povo com a monarchia e a fazer com que aquelle abandone as praticas religiosas, e vote odio mortal à divina religião, em que foi creado!...

Para conseguirem tão odiosos fins, arvoram o pendão da revolta contra tudo que existe, quer na ordem politica, quer na religiosa; procuram levar o paiz a uma conflagração geral, sem que haja outro motivo, senão a ambição desmedida d'uns certos sugeitos, que aspiram a ser em tudo os primeiros!...

Esforçam-se por quebrar a unidade religiosa, que ha seculos tem dado e dá felicidade ao povo e força ao paiz. Preparam atroses perseguições contra os catholicos, pelo unico motivo de não sympathisarem com as ideas d'elles e serem fieis às suas crenças!...

E, como não fossem sufficientes seus trabalhos occultos, ousam afirmar que a monarchia e o catholicismo são a morte da nossa nacionalidade!...

Mas a historia levanta-se com toda a sua magestade, para desmentir tão calumniosas asserções, mostrando a toda a luz, que foi a monarchia christã quem formou e tem sustentado a nossa nacionalidade.

III

O conde D. Henrique, dilatando seus estados, expulsando os mouros das terras, que hia conquistando, e substituindo a cruz à meia lua, é o verdadeiro fundador da nossa nacionalidade. D. Afonso Henriques e seus successores feriram à sombra da cruz todas as batalhas, com que de um modo brilhante firmaram a independencia da patria. D. João 1.º, salvando a nossa nacionalidade em Aljubarrota, patentea sua piedade e religião, edificando, para commemorar tão alto feito, o grandioso monumento da Batalha, tão admirado ainda hoje por nacionaes e estrangeiros!... D. Manoel, sob cujo reinado chegou o reino ao mais alto grau de esplendor, fazia marchar a cruz ao lado das armas de seus esforçados guerreiros, nas conquistas assombrosas, que cobriram de gloria immortedoura o nome portuguez, e immortalisaram os argonautas portuguezes!...

D. João 4.º, o restaurador da nossa nacionalidade, era tão catholico, que elegeu Nossa Senhora da Conceição para Padroeira e Defensora do reino e senhorio de Portugal!...

Finalmente nas guerras da invasão franceza, nunca as armas imperiaes poderam firmar-se no solo lusitano, porque o povo animado pelo amor de Deus, da patria e do rei, lhes fez uma guerra desesperada, sem treguas, até que os expulsou para alem das fronteiras.

A religião tem sido, em todos os tempos, alliada natural da monarchia, em todas as crises, porque tem passado a nossa nacionalidade; unidas em estreito amplexo, tem-na sustentado em todas as provações, atravez de oito seculos de existencia!... Dizer o contrario é falsificar a historia, é mentir descaradamente ao paiz, é empregar um meio fraudulento de angariar partidarios a uma idea estulta, e anti-patriotica, qual é desfazer a nossa autonomia, que tantos esforços custou aos nossos antepassados!...

Quem prepara a morte da nossa nacionalidade, são os republicanos nihilistas de todos os matizes e feitios.

Quem sustenta essa nacionalidade, quem une todos os portuguezes em uma só familia, é o amor à religião, à patria e ao throno. Destruidos estes laços, nada haverá que possa sustentar-nos em frente da ambição de qualquer nação estrangeira; e todos os esforços dos nihilistas miram a despedaçal-os.

Para acabarem com o amor à religião, tractam de tornal-a odiosa, mofando de seus mysterios, de seus ritos e ministros; para acabarem com o amor ao throno, tractam calumnial-o e cubril-o de ridiculo por meio de escriptos e caricaturas; para acabarem com o amor à patria, advogam a sua desmembração em estados mycros-copicos, e inculcam uma falsa fraternidade cosmopolita, esforçando-se assim por quebrarem os laços, que unem os portuguezes aos caros penhores da sua liberdade e independencia!...

E depois accusam a monarchia e a religião dos crimes, que elles proprios praticam!... São uns malvados e uns impostores!....

Um amante da religião, da patria e do throno.

Secção Artistica

A exposição industrial de Guimarães

15 de Junho de 1884

I

Todos os grandes acontecimentos que teem assombrado os seculos desde que a luz se fizera na esplanada do Golgotha, foram acompanhados, guiados, e fortalecidos pelo Christianismo. Todas as empresas gigantes, todas as descobertas scientificas, todos os esforços da

humanidade para o aperfeiçoamento das artes, para abrir novos horisontes ao commercio, para aperfeiçoar a industria, para elevar as intelligencias, viram sempre a influencia da Egreja, receberam sempre o primeiro impulso do padre.

Na hora presente, quando Guimarães, gozando da paz e do bem-estar devidos às luzes civilisadoras do catholicismo e à espada valente dos guerreiros christãos, se apresenta na arena onde se gladiam os athletas da industria que por influencia da Cruz substituiu o circo onde se gladiavam os homens dominados pelo fanatismo estúpido e brutal do paganismo; na hora presente, dizemos, o *Progresso Catholico* não podia deixar de associar-se a essa festa do trabalho, a essa festa preparada por um povo que se não deixou ainda fanatizar pelos apostolos da nova idéa, não dominado ainda pelo fanatismo que arrasta o artista da officina para as barricadas, que o faz depôr a ferramenta do trabalhador honrado, do cidadão prestante, para empunhar o archote que envolve em linguas de fogo uma cidade inteira.

O *Progresso Catholico* não desmentiu o seu titulo, nem o desmentirá jámais; e como o verdadeiro progresso se tem operado sempre à sombra da Cruz, ao abrir-se o templo das artes, lá se achou o *Progresso Catholico*, representado por um ministro do Senhor, por um padre tão odiado, tão escarnecido, tão apedrejado n'estes tempos que se dizem de progresso.

Agradecemos o convite que nos foi feito para assistir à festa do trabalho, festa que hade marcar uma nova era para a industria vimaranense, tão desprezada e desconhecida mesmo pelos proprios filhos de Guimarães, que se não julgam grandes, que só veem elevar-se a sua figura comprando no estrangeiro ou do estrangeiro, o que teem em casa. Deus queira que nos não enganemos, mas a exposição industrial que acabamos de visitar no palacete de Villa Flor, hade levantar a industria da nossa terra, hade dar-lhe de novo o renome que teve em passadas éras, hade trazer a prosperidade da nossa terra, a abundancia à casa do industrial, e levará a toda a parte o nome de Guimarães industrial, como a fama o levou a todo o mundo como guerreiro e catholico.

E sendo assim, grande é a gloria que cabe a quem tivera tal lembrança, e muito especialmente ao Ex.º Dr. Alberto Sampaio, que nós vimos andar de porta em porta, procurando os industriaes, pedindo-lhes, instando com elles para que expozessem os seus productos, para que abrilhantassem a primeira exposição concelhia do paiz. É forçoso ter uma vontade de ferro para realizar um tal empreendimento. Louvores lhe sejam dados.

Secção Illustrada

I

Santa Izabel, Rainha de Portugal

Agora é necessario que se não adormeça á sombra dos louros colhidos; trabalhe-se, continue a trabalhar-se para que a industria vimaranense seja conhecida.

Um dos grandes males, se não o principal, que fez cahir a industria de Guimarães, foi a independencia do Brazil. As nossas colonias americanas animavam as industrias e o commercio vimaranense, e data d'essa época uma das mais prosperas épocas da nossa terra. Depois a protecção dos governos a tudo que é estranho, a mania de tudo querer de fóra do paiz tem tambem concorrido poderosamente para o definhamento da nossa industria.

Os antigos reis de Portugal favoreciam quanto possível a industria nacional, e tanto que D. Diniz, sabendo que em Guimarães havia o melhor serralheiro do seu tempo, chamado Mem Annes, a pedido da Rainha Santa Izabel, mandou fazer a este serralheiro uma grade para o convento de Santa Clara, que a piedosa Rainha mandára edificar.

Isto prova o quanto os reis d'outras éras protegiam a industria do paiz, e o grau de perfeição a que n'esse tempo havia chegado a arte de serralharia de Guimarães.

Secundem todos os esforços da commissão promotora da exposição, empenhe-se a imprensa local em animar os industriaes, preparando-os para nova lucta do trabalho, emquanto nós, graças aos milhares de exemplares que tiramos de nossa Revista, levamos a todas as terras do mundo onde se falla portuguez, a noticia da exposição industrial vimaranense, mostrando o quanto os productos expostos podem rivalisar com os que procedem dos mais adiantados paizes da Europa.

Não lindaremos sem fazer uma leve censura ás commissões que promoveram festas por occasião da abertura da linha ferrea, e por não reservarem todo o entusiasmo de então para a festa que ora se realisa. Era agora que Guimarães havia vestir-se de festa.

Da primeira visita á exposição só pudemos vêr o todo, que está esplendido, bello, grande! Veremos depois detidamente cada uma das secções e do exame que fizermos informaremos os leitores nos seguintes artigos.

Aqui fica o artigo que nós escreveriamos para a *Industria Vimaranense*, *folha unica* se não gostaramos sempre de andar só em cousas d'estas, e senão viamos que n'este quinzenario o fazemos lido por TRES MIL pessoas, afóra as que o devem ler sem ser assignantes do *Progresso Catholico*.

J. DE FREITAS.

ENTRE a nobre pleiade de heroínas que aureolaram a fronte com a corôa de Portugal, eleva-se cheia de magestade e grandeza a figura veneranda de Santa Izabel, mulher de D. Diniz, filha de D. Pedro, rei de Aragão. Virtuosa e honesta, occupou dignamente o lugar de rainha junto do rei poeta, junto do rei que mais soubera tornar-se querido do povo.

O dia 21 de junho de 1282 marca uma época brilhante nos annaes da historia patria, porque n'esse dia se realisara o casamento do rei de Portugal com a princeza que havia de espalhar a consolação por todo o reino, e que depois de morta havia de occupar lugar distincto entre os santos mais de devoção do nosso povo. A sua passagem pela terra foi registrada com os rasgos da mais pura caridade, com a mais santa dedicação pelo bem dos povos e paz do reino. Quando o facho da guerra se ateou por todo o reino; quando pae e filho, reunidas suas hostes, sustentavam renhidos combates, Santa Izabel caminhou ao encontro dos contendores, desejava de apaciar sacrilegos odios, jornadeando de Alemquer até Guimarães, onde o Infante se achava, sem nada conseguir, e os dois exercitos bateram-se em rude lucta, e só depois se firmara a paz, que pouco durou, infelizmente.

Em 1323 rebentava de novo a guerra, marchando D. Affonso de Santarem para Lisboa, sahindo-lhe ao encontro El-rei D. Diniz. Os campos de Alvalade iam presenciar o combate de dois exercitos de irmãos; paes e filhos alli iam matar-se sem piedade, quando um facto passmoso, admiravel veio pôr termo á lucta. A Rainha, sabendo em Lisboa do triste acontecimento, abandona os regios pagos, e vôa ao campo do combate. Escutavam-se já os sons dos instrumentos de guerra, as flechas crusavam os ares de uma a outra parte, e a pesada cavallaria, de lança em riste e montante em punho, aguardava o signal que havia precipitar os cavalleiros portuguezes uns contra os outros. Era inevitavel o combate, não podiam já forças humanas fazer abaixar as armas d'esses valentes que o odio apartara n'esse mesmo campo.

De repente, por entre as duas hostes inimigas, caminha vagarosa, montada n'uma mula, a figura nobre e angelica de uma mulher, com as mãos postas e os olhos fitos no céo. Era Santa Izabel, era a Rainha de Portugal! Apenas reco-

nhecida, todos os cavalleiros de um e outro arraial se apeam e apresentam as valentes espadas á santa Rainha, os pendões e estandartes ora cobrem a figura veneranda da soberana, ora se rojam por terra á sua passagem, e os peões, a soldadesca ajoelha reverente beindizendo a santa Rainha, o anjo de caridade e de paz, que vinha suspender dois exercitos prestes a derrotarem-se em renhido combate.

D. Izabel procura a tenda de El-rei e passa ao arraial do Infante. Para este e para os nobres cavalleiros que o rodeavam, empregou a santa Rainha a eloquencia das lagrimas, supplicou como o sabe fazer uma mãe que vê o filho revoltado contra o auctor de seus dias.

A humildade da Rainha quebrou a coragem dos ricos homens que cercavam seu filho, e este foi obrigado a ceder, e, acompanhado de seis cavalleiros, entrou no campo de D. Diniz, e de joelhos lhe pediu perdão. Os monarchas voltaram a Lisboa e o povo acolheu-os na sua passagem com as mais festivas demonstrações. D. Izabel foi então o anjo do Senhor que viera realisar á terra um milagre, e como estes, quantos milagres não operou Deus por sua intervenção, durante a sua vida terrena? Narremos dois, que são o bastante para provar a santidade da mulher de D. Diniz.

Um dia, em que El-rei mais se impressionou com as avulladas esmolos que sua mulher fazia, occultou-se em sitio onde sabia ella costumava passar, e surpreendeu-a com um grande volume de baixo da capa.

—Que levas ahí, senhora,—lhe perguntou?

—Flores, senhor—respondera a Rainha—e deixando cabir o manto o chão cobriu-se de flores.

Em outra occasião, não tendo com que pagar aos operarios que lhe trabalhavam nas obras de uma igreja, deu a cada um d'elles uma flôr, e os homens, chegando a casa, encontraram uma moeda de ouro em vez da flôr que a Rainha lhe dera.

Ninguem como Santa Izabel mereceu o nome de anjo da caridade. Ella fundou hospitaes, conventos e igrejas; no hospital de Santarem cuidava dos doentes, e acolhia as creanças engeitadas com o amor e carinho como o fazia Jesus.

Depois da morte de seu esposo residiu algum tempo em Olivellas, fez depois uma romaria a S. Thiago de Galliza, e recolheu-se afinal ao convento de Santa Clara, em Coimbra, que ella havia fundado.

Quando se levantaram discordias entre seu filho El-rei de Portugal e seu neto Affonso xi, rei de Castella, a santa Rainha foi a Extremoz encontrar-se com o filho para o dissuadir de novas guerras. As fadigas da jornada actuaram n'aquella organização doente, e Santa

Izabel falleceu em Extremoz a 4 de julho de 1336, sendo canonizada pelo Santo Pontífice Urbano VIII a 25 de maio de 1625.

O corpo da Rainha Santa Izabel está no côro de Santa Clara em Coimbra, em rica urna de prata, e todos os annos a cidade do Mondego se veste de festa em memoria da sua padroeira. São festas esplendidas, a que varias vezes assistimos, e são, pôde dizer-se, as melhores que se fazem em Coimbra.

II

Quem será?

Em meio de frondente bosque, cortado por fresco arroyo de crystalina agua, passeiam duas amigas intimas, confiando uma à outra os mais reconditos segredos de suas almas. Acompanha-as formoso galgo da mais apurada raça, que, ao mais leve rumor, ao mais vago ruído da folhagem solta latidos de desconfiado.

As jovens amigas continuam no seu passeio e com o seu colloquio sem dar grande importancia, mas quando o noble animal se aparta um pouco das companheiras, ladrando com desespero, as damas param, e fitam o sitio d'onde partia um ruído afastado ainda, mas que se aproximava cada vez mais, e, pelo braço uma da outra, interrogam-se ao mesmo tempo:—Quem será?

Tal é o quadro que hoje damos a nossos leitores, devido ao pincel de Alicia Havers, quadro cheio de belleza e naturalidade. R.

Secção Bibliographica**OS FRADES****Como a Imprensa recebeu o livro de J. de Lemos**

XIII

Os Frades, por João de Lemos.—Ainda não compraram este livro precioso que é uma apologia insuspeitissima das ordens religiosas? Pois dêem-se pressa em o adquirir, e leiam-n'o com attenção, e propaguem-n'o quanto possível para desvendarem os olhos a muitos que nem conhecem os frades, nem os beneficios incalculaveis que prestaram à religião, à sociedade, às letras, às sciencias, à agricultura, às artes... à verdadeira civilização. Mil louvores e mil parabens ao distinctissimo escriptor catholico o Sr. João de Lemos pelo immenso serviço que com os *Frades* acaba de fazer à Igreja e à sociedade; e que o ceo lhe conceda longos annos de vida para consolação dos bons e pesadelo dos maus. («Civilização Catholica» n.º 11, 4.º anno)

O Apostolado do Clero. Con-

ferencias feitas na Sé do Porto na quaresma de 1884 por Monsenhor Rodrigues Vianna.—Recebemos esta importante publicação, de que fallariamos largamente se não tiveramos outro meio de a recomendar e tornar conhecida. Esse meio é publical-as nas columnas do *Progresso Catholico* o que hoje fazemos, agradecendo ao illustradissimo auctor a auctorisação concedida.

O Ramallete da Donzella.

—Formosissimo livro nos cahiu nas mãos, com o titulo que serve de epigraphe a estas linhas! Se o titulo é bello, não é menos bella a sua leitura! O auctor nasceu para fallar à alma, e especialmente à alma das mulheres jovens. No seu livro—*A Mulher como deveria ser-o*, já nos havia dado o Padre Marchal uma mostra do seu muito talento, do seu raro engenho para conhecer o coração humano, e para lhe dar remedio em meio da grande crise porque a humanidade vaee passando, preparada pela descreeça, pela impiedade de escriptores pouco escrupulosos; mas no *Ramallete da Donzella*, offerta-nos a mais encantadora leitura, dá-nos a aspirar as mais olorosas flores da litteratura christã, embriagando-nos com os aromas que mais podem saciar uma alma ávida de consolações e santos ensinamentos.

Que o *Ramallete do Christão* seja o livro mais do agrado das senhoras catholicas, e o que mais lhe mereça as attensões, é o que nós desejamos com mais anhelo, e que os editores, a quem agradecemos a offerta, recebam o premio da boa obra praticada, assim como o traductor, que grande serviço prestou às letras e à moral.

É um livrinho luvuosamente cartornado e custa 500 réis e com folhas douradas 700 réis.

A venda em casa dos editores Clavel & Comp.^ª—rua do Almada 123. Porto. Os pedidos podem ser feitos a esta redacção, com a competente importancia.

El Eco franciscano.—Com este titulo principiou a publicar-se em Santiago (Galliza) uma Revista mensal, com o fim principal de fomentar a devoção ao Seraphico Patriarcha d'Assis, a pagar as trez ordens franciscanas, e a promover entre ellas as virtudes do santo fundador.

A publicação é feita pelos padres do collegio dos missionarios destinados à Terra Santa e Marrocos, estabelecido em Santiago.

Muito nos compraz annunciar uma tal publicação, e fazendo votos porque ella se propague quanto possível, enviamos em troca a nossa Revista, agradecendo à illustrada redacção do *El Eco franciscano* uma tal deferencia.

O preço em Hespanha é de 5 pesetas

ao anno, ou 18000 réis aproximadamente.

Suspiros d'alma.—Temos diante de nós um volume nitidamente impresso, que agradecemos aos editores do mesmo, e que apreciamos como merece. O seu titulo é o que encima estas linhas e tem por sob-titulo:—*Paraphrases das lamentações de Jeremias e outros canticos do que usa a Igreja nas solemnidades da Semana Santa.* O verso portuguez é correcto e devido ao trabalho do snr. José Romano, e revisto e approvado pelo notavel orador R.^{mo} Padre Conceição Vieira.

São 123 paginas de agradável e sã leitura, porque se basea na Biblia, n'este livro augusto em que o proprio Deus collaborou.

Custa 200 réis e é impresso na typographia Occidental—Porto.

Keraban o Cabeçudo.—Acabamos de ler o 1.º volume d'este interessante romance, devido à penna de Julio Verne, e editorado pela casa Corazzi, de Lisboa.

Uma das muitas teimosias do snr. Keraban, faz-nos entrar n'uma carroagem de posta, quando nos dispunhamos a acompanhal-o, ao outro lado do Bosphoro, pois que estamos em Constantinopla, para assistirmos ao jantar que o mesmo gordo musulmano dava a um amigo na sua casa de Scutari. E depois de tomarmos logar na carroagem eis-nos torneando o Mar Negro, por caminhos pouco frequentados, condemnados aos azares de uma jornada de dia e de noite, prehe toda ella de peripecias engraçadissimas umas, e capazes de fazer voltar o juizo outras.

O que é certo é que atravessamos varias provincias e cidades russas, tomando conhecimento dos usos e costumes de povos desconhecidos para nós, e sabendo alguma cousa da historia e geographia das terras por onde Julio Verne nos faz andar em companhia do Cabeçudo.

Esperemos pelo 2.º volume para seguirmos tão interessante narração, e, quando concluida a sua leitura, informaremos os leitores das impressões que nos deixou, que certamente devem ser como as que nos deixou a leitura do 1.º volume.

Ao snr. David Corazzi agradecemos o dar-nos tão amena leitura.

A. DOS GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena**Aos nossos amigos bracarenses**

Passando em Braga no dia 24, e tendo na cidade uma pequena demora fomos para o

Bom Jesus e Sameiro, esperançados de que voltaríamos a tempo de abraçar todas as pessoas amigas que temos em Braga. Mas, quem é que, estando no Sameiro e no Bom Jesus, se lembra de descer da santa montanha em quanto é dia? Nós não tivemos forças para o fazer, e quando passamos em Braga foi em direcção a casa onde chegamos ás 10 horas da noite.

Perdoem-nos, pois.

No proximo n.º fallaremos do nosso passeio.

QUANDO em nossa passada revista quinzenal nos referimos ás festividades havidas n'esta cidade para encerrar o Mez de Maria, esqueceu-nos mencionar a que, por determinação das Filhas de Maria, d'essa formosissima, sympathica e benemerita associação, que conta em seu gremio as senhoras mais distinctas, as que mais se destacam entre as que melhor sabem cumprir os preceitos de Jesus Christo, no que está, a nosso ver, a verdadeira, a unica distincção.

A's devotas Filhas de Maria, de Guimarães, não podia esquecer o primeiro centenario da devoção á Virgem Immaculada, no mez das flores, e não querendo encontrar a sua festividade com a de todo o Guimarães, escolheram o dia 5 de junho, e a igreja da Misericordia, para offerter á sua Divina Protectora as provas do seu amor para com Ella, pateanteando-lhe assim a alegria que lhes ia n'alma ao ver concluidos cem vezes os santos e festivos exercicios que a piedade christã lhe offeria todos os annos durante o Mez de Maria.

O altar da Virgem Immaculada, levantado do lado do Evangelho apresentava um quadro sublime de belleza e magestade. Dir-se-hia que as formosas filhas da Mãe de Deos, afeiaram todos os jardins para alindar o throno da sua Mãe Celeste; honra lhe seja.

A's 8 horas da manhã principiou a missa, cantada pelo nosso amigo padre Lima, a que assistia uma concorrência espantosa. Depois da Sagrada Communhão, aproximaram-se da mesa eucharistica mais de 400 pessoas, entre as quaes os membros da Conferencia de S. Vicente de Paulo, que adheriram á imponente manifestação das Filhas de Maria. Todos os reverendos ecclesiasticos assistiram a esta festividade sem remuneração alguma, o que agradecemos em nome das devotas Filhas de Maria, e da causa catholica, que tanto carece de fortes dedicações n'estes tempos de descrença e egoismo.

Aproveitaremos esta occasião para tornar publico os prestantes serviços que esta pia associação fez durante o anno de 1883, o quanto lhe deve a miseria e a moral sem que as tubas adoladoras do seculo atroem os ares, sem que as

gazetas tenham uma palavra de louvor para essas dedicadissimas Filhas de Maria, para esses anjos da caridade, que, a occultas, e fugindo dos arruoidos do mundo, tantas lagrimas enxugam, tantas agruras adoçam.

Vêde o resultado dos vossos pequenos sacrificios, agreemiadas senhoras sob a bandeira de Maria.

A procissão de *Corpus Christi* n'esta cidade fez-se com a pompa e magestade dos annos anteriores, havendo só a notar duas cousas importantes—mais cavallos enfeitados a formar o estado de S. Jorge e menos homens armados a fazer a guarda de honra á Sagrada Eucharistia. Algumas das confrarias e irmandades apresentaram-se em grande numero de irmãos e com muito aceio. Mencionaremos a do Sagrado Coração de Jesus, S. Gualter e Santos Passos. O corpo do clero era tambem bastante numeroso, e o do cabido apresentou-se... como é vontade do Governo d'El-Rei Nosso Senhor a quem Deos guarde para o mesmo fim para que elle destina as cadeiras dos conegos.

A guarda de honra, como já dissemos, era pequena; formava-a um exercito de VINTE HOMENS, aproximadamente. Isto n'uma das terras principaes do paiz, e n'um paiz que dispende cinco mil contos com o exercito!!

Fez-se tambem no domingo seguinte a procissão do Corpo de Deos da freguezia de Oliveira, uma das melhores que aqui se faz. A musica do nosso amigo o snr. Lucinio da Trindade, reforçada por alguns artistas de fóra da terra estava boa. Foram oradores, de manhã o R.^{mo} Padre Abilio Passos, e de tarde o notavel orador conimbricense dr. Augusto Eduardo Nunes, a mais robusta intelligencia da nossa Universidade.

Não deve esquecer-se o que se passa em Roma, na capital do mundo catholico, no centro d'onde dimana a paz, a ordem, o bem-estar das nações.

O Soberano Pontifice, durante os trez mezes findos desenvolveu uma actividade pasmosa, espantosamente admiravel, attendendo-se á sua idade. Todos os bispos francezes conferenciaram com o Chefe do Catholicismo, estreitando-se cada vez mais as relações entre a Santa Sé e a Igreja de França, dando-se assim o ultimo golpe no ganicanismo, de ha tempos agonizante.

Prepara-se agora o Vaticano para receber os bispos irlandezes, tratando-se da situação politica da Irlanda, e das relações entre os bispos e Roma. E a ser verdade o que dizem algumas participações particulares, vindas da cidade eterna, depois das conferencias dos bispos da Irlanda serão chamados os de

Hispanha, para se tratar de restabelecer a paz entre os catholicos d'este ultimo paiz, ha tanto tempo alterada.

—O telegrapho trausmittiu-nos ha dias a agradável noticia de que em Roma, nas eleições municipaes triumphára a lista clerical, sendo eleitos todos os candidatos catholicos. Aqui está mais uma prova da influencia que tem em Roma o governo humbertino, e o quanto os romanos gostam dos seus *libertadores*.

E' altamente consolador vêr a derrota que os catholicos belgas intelligiram nos revolucionarios d'este paiz. Nas eleições provinciales, e em quasi todos os districtos venceram os catholicos, apesar da influencia do governo, que, como se sabe, é declaradamente mação.

Aprendam d'aqui os catholicos portuguezes, e tentem alguma cousa, que certa será a victoria. Os portuguezes são catholicos, por tanto nada de temores diante de meia duzia de revolucionarios que tem escalado o poder.

O governo da republica em França fez approvar no senado a lei do divorcio. Estava desorganizada a sociedade, desorganizou agora a republica a familia. Assim era necessario. A Revolução hade cahir só quando tiver derruido todas as instituições, só depois de grandiosa tempestade é que o iris de paz se hade observar nos horizontes da politica e da religião franceza.

Bravo, amigos do progresso!

Emquanto o progresso republicheiro tenta arrasar tudo na sua passagem, o progresso catholico continua a sua obra edificadora, levantando templos, erguendo escolas, assombrando o mundo com a sua energia.

A Irmã Irene, da Ordem das Irmãs de Caridade francezas, ajudada por uma outra senhora tambem franceza, fundou em New-York dois hospitaes e um asylo para meninos abandonados. O asylo dá hoje abrigo a 2000 creanças, e alimenta fóra mais de 1700!

Tudo isto foi feito pela caridade christã, e os donativos recolhidos pelas pobres irmãs sem arruoidos, sem festas, sem bandeiras nem foguetes.

E' esta a verdadeira caridade!

Na Belgica e na cidade de Lovaina celebrou-se no dia 12 de maio o 50.º anniversario da restauração da Universidade Catholica, festa a que assistiram sete bispos, muitos abbades mitrados, deputações dos collegios mais importantes e representantes da imprensa catholica belga e franceza.

Esta Universidade, que, ao inaugurar-se tinha apenas 13 professores, conta hoje 70 e 1600 estudantes. E mais é catholica, e está na Belgica!

Vê-se por esta noticia que o catholicismo está prestes a deixar esta vida, como affirmam os que a cheias bochechas enfonam as bandeiras da... *liberdade* e do... *progresso*.

Foi nomeado parochio encommendado da freguezia de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, o muito illustrado sacerdote e notavel escriptor catholico, o R.º Sr. Padre Senna Freitas. Damos os parabens aos povos d'aquella freguezia, e comprimentamos o nosso amigo porque agora, à testa de sua parochia, pôde pôr em actividade todo o seu talento, toda a sua vontade para a propaganda do Evangelho.

Bem acertadamente andou S. Em.ª o Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa.

A Junta Geral do Districto de Angra do Heroismo, representou ao governo, implorando a conservação do convento de religiosas de S. Gonçalo d'aquella cidade. Bom era que este exemplo fosse imitado não só pelas auctoridades locais, mas mesmo pelos particulares que podem algo perante os poderes publicos.

Bem sabemos que é uma cousa contra a razão pedir a conservação de uma casa, que o governo não tem direito de supprimir; mas, já que os tempos fizeram do direito torto, vamos com o tempo. O exemplo ahí ilica.

S. Ex.ª R.ª o Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, digno e virtuoso Bispo do Funchal publicou uma notavel provisão ordenando o modo como deve fazer-se as festividades religiosas na sua Diocese. É um documento cheio todo elle de santos ensinamentos, e que muito devem concorrer para o maior esplendor do culto, sem desperdícios.

Bem haja o nobre prelado.

Mr. Chantrel já não existe!

O distincto escriptor catholico que durante muitos annos fôra redactor do *Univers* e que depois se retirou para redigir o importante semanario *Os Annuaes Catholicos*; o auctor da *Historia Universal* e da famosa *Historia popular dos Papas*, que foi traduzida em o nosso paiz, merecendo a approvaçãõ de parte do Episcopado e de toda a imprensa catholica, estando já esgotada a 1.ª edição e em via de publicação a 2.ª (1); o auctor finalmente de tantos escriptos importantes, rendeu a alma a Deos, tendo pomposos officios na igreja de Saint-Lambert de Vaugirard, em Paris.

(1) Esta edição é feita, como a 1.ª, pelo Centro de propaganda Catholica em Portugal, podendo as assignaturas ser enviadas a Teixeira de Freitas.

Com a morte do notavel escriptor perdeu a França um dos mais fortes polemistas catholicos, e às letras um dos seus mais benemeritos cultores. Deus faça à sua alma tanto bem como elle fez à humanidade com as suas obras.

Oremos por J. Chantrel.

Quando por toda a parte se observa uma tendencia satanica, por parte dos reformadores *illustrados*, dos inimigos das grandezas e das liberdades humanas para tudo arrasar; quando o anjo da destruição, em nome do progresso e da liberdade, derroca em algumas horas o que levára seculos a edificar, é grato vêr o movimento que se nota ainda em quasi todos os paizes catholicos, para a realisação de obras estupendas, para a construcção de templos, consagrados ao Senhor, ou aos santos. A França, essa França que principiou a esphacelar-se diante do riso atheu de Voltaire, e que vae cahindo em pedaços ao impulso de uma sociedade sem crenças, prepara-se para erguer o mais formoso templo que no mundo se tem consagrado ao Coração de Jesus. Sobre já a subscrição á enorme somma de 14 milhões de francos, ou dois mil quinhentos e vinte contos de reis! Dentro em pouco terá Paris, no alto de Montmartre, a mais bella igreja, o mais arrojado monumento erguido em honra do Sagrado Coração de Jesus!

O nosso collega de Lisboa, *O Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, dá-vos em seu numero de junho a seguinte noticia que nós vamos reproduzir, para se ficar sabendo melhor o que seja a maçonaria, e para desvendar os olhos a muita gente, que ainda julga a dita seita como uma cousa muito innocente.

Eis a noticia:

Trabalho perdido de mações e maçonizantes.—Só a noticia de que o Santo Padre Leão XIII ia publicar uma Encyclica contra a Maçonaria enfureceu muitos jornaes mais ou menos dependentes da seita. Alguns todavia disfarçam a zanga e apenas pretendem deitar pó nos olhos a certos leitores. É do numero d'estes o que escreveu: «A Maçonaria é um meio de approximação pacifica entre alguns homens; um vasto circulo em que as conversas, alloções e cerimoniaes tradicionais substituem as cartas e o bilhar. É sobretudo uma instituição de beneficencia contra a qual não ha razão para que qualquer se ponha em campanha.»

Trabalho perdido! como bem diz o *Monde* (n.º 95), pois que, por desgraça, ou antes por fortuna, «as sociedades secretas apresentam desde ha um certo tempo este novo caracter—que não são

secretas. O echo de suas reuniões prolonga-se cá fóra; seus trabalhos consignam-se em folhas especiaes, e não é por nossa falta se as informações que nos chegam d'esse modo destroem as informações benevolas e interesseiras» de certos *irmãos*.

A linguagem empregada e as decisões tomadas nas *lujas* contradizem formalmente as apreciações jornalisticas a que alludimos. Por exemplo, em 1882, como bem recorda o *Monde*, n'uma festa escholar de Ivry, o *Ir.º* Dreyfus exprimia-se assim:—«A Maçonaria é a eschola em que se formam os homens, como a casa em que estamos é a eschola em que se formam as creanças. É a Maçonaria que prepara as soluções que a democracia faz triumphar. A ella é que pertence fechar o seculo XIX coroando a obra da Revolução.»—O orador lembrou ainda que «a Maçonaria foi a eschola donde sahiram Voltaire, Lakanal e Danton», declarando que ella «deve preparar a egualdade social.»

O *Ir.º* Regnier dá sua importancia ás «cerimoniaes tradicionaes», por que na sessão maçonica de Lyon, a 3 de maio de 1882, dizia:—«A Maçonaria tem o seu segredo, os seus templos, que deviam ser mais vastos, suas festas, seus incensos, altares, orgãos; seus baptisimos, casamentos, funeraes. As cerimoniaes são *symbolicas*, e praticadas por mações intelligentes, *sua significação produz fructos.*»

Aos que pretendem que a Maçonaria se não deve occupar de politica, nem de religião, nem de socialismo, responde o *Ir.º* Regnier:—«A Maçonaria tem sido, e será sempre *politica, religiosa e social*, ou não será nada». Basta ler a *Maçonaria desmascarada*, (1) publicada ha poucos annos pelo editor Teixeira de Freitas, de Guimarães, para comprehender quanto é legitima a sollicitude de Leão XIII em conjurar novos perigos, assignalando os que a seita faz correr á sociedade. O mundo catholico será grato a Leão XIII pela sua magnifica Encyclica *Humanum genus*, de 20 de Abril; e a a commoção geral de mações e de maçonizantes bem mostra que se lhes poz o dedo na chaga, por consequente que foi util e opportuna a decisão do Summo Pontífice.

J. DE FREITAS.

Felicitamos a redacção da «Palavra» do Porto, por haver encetado o 13.º anno da sua publicação, desejando-lhe, durante o novo anno, uma vida cheia de prosperidades.

(1) Livro de 275 pag. em 8.º, que custa 300 réis, e se acha á venda na redacção do «Progresso Catholico».